

ASSEXUALIDADES: UM ENIGMA A DECIFRAR? SUBJETIVIDADE E VÍNCULOS NAS COMUNIDADES VIRTUAIS ASSEXUAIS. UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Uma versão desta apresentação foi aprovada como um artigo completo para ser apresentado no

XIV CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA E PRÁTICA PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA (UBA) Universidade de Buenos Aires.

A realizar-se em novembro de 2022

Marta de Giusti;
Lorena Biason;
María Aparecida Barbirato;
Jorge Cantis;
Adriana Cabuli;
Miguel Maldonado;
Carmen Morales;
Liliana Messina;
Valeria Ortiz;
Dunia Samamé

RELEVÂNCIA DO PROBLEMA DE PESQUISA:

Esta pesquisa resulta do interesse e do trabalho conjunto dos colegas que representam as associações membros da Federação Latino-Americana de Psicoterapia Psicanalítica e Psicanálise (FLAPPSIP). Esta pesquisa resulta do interesse e do trabalho conjunto de colegas que representam as associações membros da Federação Latino-Americana de Psicoterapia Psicanalítica e Psicanálise (FLAPPSIP). Foi apresentada no XI Congresso da FLAPPSIP e, depois, uma primeira versão deste artigo foi aceita pelo Comitê Científico para ser publicada na íntegra nos Anais e exposta no XIV Congresso Internacional de Pesquisa e Prática Profissional em Psicologia, XXIX Conferência de Pesquisa e XVIII Encontro de Pesquisadores em Psicologia do MERCOSUL.

A assexualidade é entendida neste trabalho como uma manifestação da sexualidade humana caracterizada pelo desinteresse na prática sexual, que pode ou não ser acompanhada pelo desinteresse nas relações amorosas, independentemente do gênero (Oliveira, 2014).

Para a maioria dos autores, o componente central da assexualidade é a ausência de desejo, sonhos ou fantasias sexuais, independentemente da orientação sexual, **e sem a presença de sofrimento por tal situação**, o que se traduz em um desinteresse em ter relações sexuais. Em algumas variações da assexualidade fica evidente que o amor romântico pode existir sem atração sexual ou sem a necessidade de relações sexuais.

Santos (2016) mostra que muitos médicos tendem a tratar a falta de desejo sexual como uma doença relacionada à instabilidade hormonal ou como uma psicopatia.

A assexualidade perturba o terreno sexo-normativo, a ponto de tornar sua análise problemática através da abordagem queer. Esta última atua na desestabilização e desconstrução da sexualidade heteronormativa, princípio que também se aplica à assexualidade como consequência de um fenômeno que atua na resistência e na criação de um “fato novo” que enfatiza o status quo. Neste sentido, as pessoas que se dizem assexuais, afastam-se do modelo de sexualidade normativa, e enfatizam que sua condição como tal não está relacionada a trauma, repressão sexual, problemas hormonais, escolha religiosa ou qualquer outro discurso regulador. **No entanto, estas perspectivas queer sugerem que os assexuais apresentam uma sexualidade rizomática e polimorfa; isto é, são outra forma de sexualidade.**

Por sua vez, a religião também dá sua contribuição, partindo do mal-entendido entre os termos “assexual” e “celibatário”. Um celibatário não é necessariamente um indivíduo assexual, mas alguém que optou por viver sem práticas sexuais devido a algum aspecto de sua crença (Bri-gueiro, 2013).

Em resumo, a análise da questão destaca sua difícil conceitualização e compreensão, pois inclui discursos políticos e de identidade que vão além da manifestação sexual do sujeito. Especialmente quando se torna um movimento que luta pelo reconhecimento, da forma como foi observado nas principais comunidades virtuais assexuais.

Como psicanalistas, assumimos uma posição em uma clínica com forte compromisso com o laço social, onde se evidencia a presença de uma certa fluidez da vida erótica. Se instala ante nós uma sexualidade com variadas formas, tecnologizada, virtualizada, acompanhada de diversas formas de gozo: é neste cenário que emerge a *assexualidade*. A assexualidade requer assim uma abordagem mais ampla desta experiência e, neste sentido, sua relevância está ligada tanto à clínica quanto a suas manifestações na cultura.

Consideramos que o tema desafia o corpo teórico psicanalítico e nos permite revisitar os fundamentos da psicanálise, em relação à sexualidade em sua articulação com a cultura.

Esperamos que nossa contribuição possa colaborar para a compreensão da assexualidade dentro da dimensão do desejo, diferenciando-a do sexo; como um conhecimento do corpo, uma linha de fuga micropolítica e mais uma possibilidade entre os muitos modos de existência.

ANALISTAS COMO PESQUISADORES:

Freud, em 1909, diz: “as teorias completas não caem do céu [...] uma teoria sem falhas e bem fundamentada [...] nunca poderá ser mais do que a filha da especulação e não o fruto de uma investigação da realidade”.

Qualquer pesquisador que se preze precisa refletir sobre: de onde observa o que quer investigar, pensar sobre seu ponto de vista e seu lugar de enunciação. Neste sentido, não foi menor a responsabilidade por um processo que não só envolveu o objeto de estudo que abordamos, mas também um processo em nós, como equipe, como psicanalistas pesquisadores, relacionados a esse objeto. Desta forma, fomos construindo um caminho onde ocorreu uma transformação simultânea do objeto e dos pesquisadores.

Partimos no início de uma pandemia, com uma forte convicção em favorecer o desejo de saber e ultrapassar o já sabido, como aponta Aulagnier. A partir da coordenação desta pesquisa, nos propusemos a desempenhar a função de analistas investigadores, cujo destino não era a eficiência dos resultados com teorias lustrosas que, como tantos outros objetos mercantis, acabariam correndo o risco do vazio.

Inspirados pela ideia de uma teoria a ser experimentada, a ser enriquecida, a ser ressignificada e reelaborada, como é proposto por S. Bleichmar, tivemos que voltar aos fundamentos da psicanálise, à sexualidade.

Enfrentamos esta pesquisa, resistindo ao contexto atual imperante, o qual também atua sobre o conhecimento e de acordo com as exigências do mercado. Podemos dizer que conseguimos fazer um trabalho coletivo, de intercâmbio interinstitucional, no qual nossas diferenças, muitas vezes desconfortáveis, acabaram contribuindo com uma maior riqueza e complexidade para a análise de nosso objeto de estudo.

Navegando: águas calmas, águas turbulentas

Embora já tivéssemos, como analistas, um caminho percorrido para a escuta do enigmático e nos reconhecêssemos treinados para procurar aquele pequeno sinal, aquele traço, aquele fragmento que nos permite ir mais além, em nosso processo de pesquisa nos deparamos com um obstáculo: nossas próprias teorias.

Às vezes, tínhamos uma pesada mala teórica que insistíamos em abrir prematuramente. Estávamos conscientes desta nossa tendência, na qual nossos preconceitos poderiam bloquear uma possível escuta, e tentamos nos precaver, com o propósito de deixar falar, através das postagens, um grupo autodenominado assexual pertencente a comunidades virtuais assexuais. Mas este aviso não foi suficiente; nas nossas costas, surpreendendo a nós mesmos, de vez em quando surgia uma teoria que acabava por explicar tudo.....

Assim, por exemplo, ouvindo uma postagem de nossa amostra:

“O problema é com o parceiro, devido ao interesse nulo nos relacionamentos, mesmo o assexual pode ter encontros sexuais, mas não é algo que lhe cause muito interesse” ...mmm pensávamos imediatamente, “um adulto sem interesse sexual”...suspeitoso.....sexualidade parcial, não integrada provavelmente.

Outra postagem: **“Eu realmente sonho em encontrar uma garota que eu goste e que não me submeta à tortura de manter relações sexuais por exigência. É tão tóxico e nojento que não demora muito para eu fugir e voltar para mim”** Novamente, já tínhamos claro, narcisismo, autoerotismo, sentenciávamos, ainda mais se alguns falam da repugnância que isso gera...mmm.... Sexualidade pré-genital...

E assim iam caindo, conhecidos conceitos, que provavelmente nos tranquilizaram, mas que saturaram nossa escuta com o que já sabíamos.

Tentávamos imediatamente uma interpretação clínica sobre um material que não respondia ao método clínico, associação livre, atenção fluante e transferência; muitas vezes esquecíamos que eles não eram pacientes que consultavam.

Com muito trabalho e sempre com a tendência natural de voltar ao lugar no qual uma teoria parece ter uma resposta para tudo, tentamos estar permanentemente conscientes de nós mesmos e assim sair daquele escudo teórico. Fomos confrontados com o medo de nos desviar do caminho, implicando um trabalho interno desprender-se do conhecido. O instituído, na nossa equipe, tinha sua frase: isto é psicanálise?

Jalecos repressivos contra a ideia de explorar. Assim, conscientes deste ponto cego, que às vezes surgia apesar de nós, foi surgindo nosso amor, se pudéssemos chamá-lo assim, pelo conhecimento, pelo pensamento, de cada um e depois coletivamente, com as resistências que isso produz.

Diante da complexidade de nosso objeto de pesquisa e à luz destas novas experiências com este processo, começam a surgir perguntas... O que provoca nos assexuais a imposição cultural da sexualidade? Por que os territórios virtuais? O que significam os territórios virtuais nesta subjetividade específica? Vamos então voltando aos nossos "faróis de interesse".

Poder sustentar a pergunta sem encontrar rapidamente uma resposta, tolerar a dúvida, a natureza provisória de certas suposições, em suma, o processo investigativo que foi se abrindo à nossa compreensão, foi sem dúvida a coisa mais estimulante. Não sem a experiência de passar por ela com o corpo.

Não saber sobre um assunto e não saber sobre um método e apesar disso, decidir investigar.

CAMINHO METODOLÓGICO

Primeiros passos: delimitação do objeto empírico

A pesquisa respondeu a um desenho do tipo **exploratório-descritivo**, baseado em postagens de sete (7) comunidades virtuais assexuais selecionadas em cinco (5) países do Cone Sul: Chile, Argentina, Uruguai, Brasil e Peru.¹

¹ As instituições que participaram desta primeira etapa foram: SEDES (Brasil), CPPL (Peru), ASAPPIA (Argentina), ICHPA (Chile), AEAPG (Argentina), ADPP (Peru), AUDEPP (Uruguai).

Objetivo: *explorar as concepções da assexualidade em membros de comunidades virtuais assexuais, com base na análise de suas formas de defini-la, sua vinculação com o plano emocional e sua relação com o laço social.*

Com base em um critério de seleção temporal, **92 postagens foram colhidas pelas 7 Instituições, de páginas selecionadas de Comunidades Virtuais Assexuais.**

Definimos como **postagem** uma unidade de significado recortável, uma declaração expressa por um participante dentro daquela comunidade, que começa e termina em torno de algum tópico. Neste caso, a assexualidade.²

Por exemplo, uma postagem:

“Foi difícil me dar conta do que significou não ter sabido o que estava acontecendo comigo e que muitas vezes quiseram me corrigir. Assumir isso implicou aceitar que ninguém pode me obrigar a ter sexo”.

Tomamos as postagens como unidades de análise sobre as quais desenvolver a análise mais profunda das informações, decorrente desta pesquisa.

Também consideramos como outro plano de análise, neste caso, de contexto, as comunidades virtuais onde estes postos são hospedados.

As postagens compõem unidades de significado complexas e densas de informação. Com base em sua leitura fomos identificando distintos aspectos que se constituíram em dimensões de análise.

Isso abriu uma série de questões: formas de interação, modos particulares de sofrimento e solidão, todas motivações que levaram os membros dessas comunidades a se distanciarem de um tipo de cultura que não podiam tolerar e da qual se sentiam excluídos. Também encontramos as particularidades das comunidades nos diferentes países.

A leitura sistemática de cada postagem desde este conjunto de dimensões nos permitiu revelar conteúdos que estavam condensados, subsumidos nas postagens e que não se faziam visíveis. Da mesma forma, foi uma estratégia para evitar interpretações apressadas de um material com o qual não estávamos acostumados a trabalhar. **Não esqueçamos que uma postagem em uma página virtual não tem o mesmo estatuto que a palavra em uma análise.**

² Tudo que um participante que se define como assexual dentro de uma comunidade virtual escreve ou publica de uma vez, em um parágrafo de pelo menos 2 linhas, em um tempo determinado que nós dispomos.

Após vários debates e intercâmbios, seguindo o projeto de pesquisa e com assessoria metodológica, concordamos em trabalhar com 5 dimensões de análise a serem aplicadas a cada postagem:

DIMENSÕES DE ANÁLISE A SEREM APLICADAS EM CADA POSTO

- 1.- Motivações para fazer parte desta comunidade.
- 2.- Características das pessoas com as quais estão mais intimamente ligadas
- 3.- Emoção predominante em seus vínculos (efetiva e desejada)
- 4.- Avaliação da sexualidade/assexualidade/autodefinição da própria sexualidade.
- 5.- Versão do outro (alteridade) e de nós (identidade)

Aplicando a matriz de leitura

Estávamos a caminho. Com base em cada uma dessas dimensões, releamos cada postagem, codificando os fragmentos ou palavras dentro dela que poderiam refletir cada uma dessas dimensões.

Em outras palavras, deixamos a postagem falar e a escutamos o mais de perto possível.

Organizamos o material através de uma matriz, como a mencionada abaixo, a qual chamamos de Matriz de Codificação de postos:

Matriz de codificação de postos.

Comunidade virtual:

Posto	Motiva-ção para aderir à comu-ni-dade	Caracterís-ticas das pessoas com as quais eles estão mais intimamen-te ligados	Predominância emocional em seus relacio-na-mentos	Avaliação da sexuali-dade/ assexualidade	Versão do outro (alterida-) de) e de nós
<p><i>Eu realmente sonho em conhecer uma garota atraente e não ser submetido à tortura de manter re-lações sexuais sob demanda Resulta tão tóxico e nojento que rapidamente tenho vontade de fugir e voltar para mim.</i></p> <p><i>Afinal, busca-se afeto, carinho, amor, abraços, calor humano.</i></p> <p><i>Você não precisa de sexo para demonstrar amor, estou convencido disso</i></p>		<p>“uma garota atraente” ... “que não me submeta à tortura de manter relações sexuais sob demanda”.</p>	<p><i>(que obriga você a fazer sexo) “É tão tóxico e nojento que rapidamente tenho vontade de fugir e voltar para mim mesmo”.</i></p> <p><i>“busca-se afeto, carinho, amor, abraços, calor humano”.</i></p>	<p>“tóxico...nojento”.</p> <p><i>Você não precisa de sexo para demonstrar amor, estou convencido disso.</i></p>	

Síntese e análise de informações

Seguindo em frente. Após a codificação, validada nas reuniões coletivas, era hora de identificar as recorrências, as diferenças e o leque de opções que tinham sido abertas. Fizemos esta análise com o material de cada instituição e depois analisamos o material de todas as instituições como um todo.

Como resultado deste trabalho, chegamos a novos eixos de significado que se abriram ao longo deste processo, o que nos permitiu, agora, começar com as primeiras conceitualizações, hipóteses e novas questões.

Dimensão versão do outro e de nós

Assim, com relação à Dimensão outros/nós, nos perguntamos: de que falam essas postagens, quem são os outros, que temas surgem para descrever o conjunto de outridades que são identificados nas postagens?

Dimensão	Eixos do sentido que se abriram
VERSÃO DO OUTRO (Sociedade Família Amigos)	<ul style="list-style-type: none">• A sociedade ou a família critica ou condena a assexualidade• A sociedade ou amigos patologizam ou medicam a assexualidade• Assexualidade perigosa para a sociedade• Outros pintam o sexo ou o casamento como sinônimo de felicidade, corrigem ou não acreditam em você• Apropriação da palavra dos assexuais• Imposição da sexualidade hetero-normativa• A sociedade e a religião estabelecem as normas e a moral sexual• O sexo está relacionado ao sucesso e ao poder• Desinformação da sociedade
VERSÃO DO EU / NÓS	<ul style="list-style-type: none">• Somos considerados anormais porque somos assexuais e/ou não românticos.• Nossa falta de desejo sexual não está relacionada a conflitos, imagem corporal ou inibições.• Experiência de solidão e isolamento. Falta de um modelo de identificação.• Não temos voz e somos vítimas da violência e da patologização ou da medicação.• Vergonha, medo ou estranheza por ser assexual.• Achamos mais fácil sem a complexidade do sexo, ou se o sexo não for relevante.• Sentimos amor, mas não atração sexual.• É possível sentir excitação sexual ou atração estética sem que isso culmine em uma relação sexual.

Temos agora uma maior riqueza em comparação com a primeira versão da assexualidade, com a qual começamos. Com a articulação das diversas sínteses desenvolvidas por cada equipe, elaboramos uma síntese geral por dimensão, que deu origem a eixos de sentido, nos quais nos baseamos para propor nossa análise dos resultados, que aqui apresentamos a vocês.

Foi desde esta síntese conceitual que foi possível articular, com a estrutura teórica da psicanálise e outras disciplinas, de modo a poder ler um objeto complexo que nos foi revelado em suas dimensões singulares, subjetivas e identitárias, mas também em suas dimensões coletivas, políticas e éticas.

ANÁLISE DA PESQUISA

“A cultura se comporta com relação à sexualidade como um povo ou um estrato da população que subjogou outro a fim de explorá-la. A angústia diante de uma eventual rebelião dos oprimidos leva à adoção de severas medidas preventivas.”

“A demanda por uma vida sexual uniforme para todos, que se traduz nestas proibições, desconsidera as desigualdades na constituição sexual inata e adquirida dos seres humanos, segrega um bom número deles do gozo sexual e assim se torna uma fonte de grave injustiça”. (Freud “O Mal-estar na Cultura 1937”).

Desta frase fica claro que os modos predominantes de satisfação libidinal oferecidos por cada cultura fazem parte dos mecanismos regulatórios, disciplinares e de controle social que podem adquirir diferentes graus de intensidade e imposição. Perguntamo-nos sobre o destino dos sujeitos que não respondem às constelações legitimadas na ordem social. Desta forma, as singularidades sexuais tornam-se um problema complexo.

Ao trabalharmos na primeira dimensão, **Motivação para fazer parte das Comunidades Virtuais Assexuais**, percebemos como os diferentes temas a que nos referimos estavam interligados e começamos a destacar os problemas que acreditamos afetar a subjetividade deste grupo.

Vamos ouvir esta postagem:

“Fale o quanto quiser sobre rótulos, mas, quando você sente que não se encaixa em nenhum lugar, não há nada melhor do que descobrir uma comunidade que se sente exatamente como você”.

É claro que as comunidades que eles constroem lhes permitem estabelecer laços com outras pessoas com as quais podem compartilhar suas preocupações, construir redes de apoio e projeção futura sem a necessidade de negar sua condição assexual.

A pergunta mais importante que surgiu foi: **Do que se trata e qual o papel das comunidades virtuais em termos de motivação e participação para este grupo?**

As tecnologias de informação e comunicação permeiam a vida social; todas as dimensões da vida contemporânea são afetadas por seu uso, nada escapa à tendência da hiper conectividade, mesmo quando ela mesma acarreta contradições e efeitos colaterais: o tempo e seu imediatismo, o espaço e sua desterritorialização, a sensibilidade e o sentimento de vazio e tédio, são indicadores paradoxais da subjetividade dos tempos atuais.

As assexualidades, assim como outros coletivos em defesa da diversidade sexual, encontraram nas redes sociais um meio de expressão. Eles produzem um discurso que questiona a onipresença da sexualidade na cultura, denunciando assim a fagocitação dos objetivos de libertação sexual que marcou uma parte importante do século 20. A ordem sexual atual se tornou uma mercadoria.

Os assexuais apontam para o dogma sexual e todas as suas consequências, considerando que a invisibilização que eles sofrem é uma estratégia de submetimento. Um deles escreve: **“Eu sou feliz sem sexo, mas não acreditam em mim”**.

Esta invisibilização tornou-se uma causa: eles defendem o reconhecimento e o respeito por sua existência, relativizam a atração sexual e outros aspectos da sexualidade “normalizada”.

Duas postagens sobre o assunto:

“A determinação que as pessoas querem dar ao coital é cansativa”.

“A assexualidade não tem cura e não precisa de cura”.

Outra categoria é a **Avaliação que eles têm da Sexualidade e Assexualidade**, tomando como parâmetros as qualidades de positivo, negativo ou neutro. Em sua **dimensão positiva**, estas postagens mostram uma clara oposição entre a sexualidade (no sentido popular) e os sentimentos com os quais estão afetivamente ligados, que se expressam em diversos matizes: romantismo, sublimação, sensualidade, amor, emocionalidade, ternura, assim como a valorização de outros modos de contato como alternativas aos estabelecidos. Outra dimensão da mesma categoria se concentra nos semelhantes, através da necessidade que eles demonstram de reconhecimento dos outros, no exercício de sua afetividade.

Na **dimensão negativa**, observamos uma rejeição radical mais acentuada do sexo imperativo e normativo. Os outros aparecem sancionando suas escolhas assexuais em termos que expressam incompreensão, ignorância, descrença ou decepção, o que os faz sentir expostos a processos de estigmatização.

A **dimensão neutra** define que a falta de importância dada ao sexo e outras manifestações relacionadas à sexualidade são características que compõem a assexualidade e que “não têm nada a ver com a antisssexualidade”. Na mesma linha, outras postagens relatam mais claramente uma busca pela própria identidade assexual.

No artigo de 1908 “Moralidade sexual cultural e nervosismo moderno”, Freud nos diz que cada momento histórico social indica a forma de satisfação sexual onde ela está implícita, tanto o que deve ser sufocado quanto a importância de sua incidência nas diferentes formas de viver em comunidade.

No âmbito deste Congresso nos perguntamos sobre **o que estamos falando quando nos referimos à moralidade sexual cultural do século XXI?**

Assim como o nervosismo surgiu como um efeito de desconforto na cultura vitoriana, hoje em dia nos perguntamos **que verdade enuncia a manifestação da assexualidade?**

Os assexuais se tornaram nômades de uma cultura cuja manifestação hegemônica se traduz em uma frase: o sexo “que está até na sopa”, é repulsivo e “repugnante” para eles.

Com que representações sociais da sexualidade eles estão em disputa? O que os faz migrar para o mundo virtual, onde podem formar comunidades?

De grande utilidade é a contribuição de Castoriadis sobre as representações imaginárias da sociedade, uma ideia que, sob a premissa de questionar o domínio de apenas um tipo de racionalidade instituída, aponta para a importância do instituinte, ou seja, a inscrição crítica do sujeito do conhecimento, afirmando que a realidade social é construída a partir do Imaginário Radical.

Silvia Bleichmar (2014) propõe que o eixo de mal-estar de nosso tempo é marcado pela enorme dificuldade de enlace ao semelhante. Reafirmando que em termos de sexualidade, não há finalidade no ser humano que leva à genitalidade e reprodução, esta autora entende a “genitalidade” como “enlace ao semelhante, nenhuma outra coisa”. Em outras palavras, como a capacidade de amar outro que é outro no sentido da alteridade, mas que também é um semelhante.

Algumas postagens de assexuais, que não consideram as relações sexuais como fonte de atração e satisfação, destacaram o território de ternura na cartografia de seus desejos.

Laplanche (1999) refere-se à presença de ternura no terreno da autoconservação, como apego, ou seja, na experiência de reciprocidade entre mãe e filho, e como sexualidade inibida em seu fim, no adulto que cuida da criança; afetos concomitantes às mensagens carregadas de fantasias sexuais inconscientes do adulto, implantadas no corpo do bebê.

Nesta interação empática e traumática com o outro, a sensorialidade é um elemento fundamental (Campos, 2016). Sensorialidade entendida como um campo transicional entre o corpo biológico e o corpo erógeno, entre o corpo da mãe e o da criança, entre a autoconservativo e o sexual; onda portadora de mensagens para a inscrição do sexual desligado e de novas ligações pulsionais. Sensorialidade também determinante ao longo da vida, nas ressonâncias entre corpo e psiquismo.

A partir de outra lente conceitual, o filósofo Franco Berardi analisa a mudança de sensibilidade no contexto da globalização digital. Berardi pensa que “a sensibilidade permite que os seres humanos se unam e se conectem através de relações de empatia, através das quais somos capazes de compreender sinais que são irreduzíveis à informação e que, no entanto, constituem a base da compreensão inter-humana”.

Nos perguntamos se a existência de grupos que se dizem assexuais está relacionada a uma sensorialidade e sensibilidade cada vez mais limitadas e, ao mesmo tempo, a uma tentativa de resgatá-las.

Poderia a ternura, afeto que torna o sujeito um sujeito social e cuja ausência pode estar relacionada com a precariedade dos laços sociais contemporâneos, **ser colocada em posição de destaque como categoria clínica, ética e política em nosso tempo?**

Ulloa (1995) já propunha esta ideia, a partir de sua atividade na área dos direitos humanos e da violência social, afirmando que a crueldade é a contrapartida da ternura, contra o pano de fundo do horror das culturas ditatoriais, da repressão, da marginalização e do escândalo da miséria. Daí que ele considere a ausência de ternura como fundamental para a compreensão da situação social e cultural.

Dimensões: Emoção e características das pessoas com as quais se relacionam intimamente.

Um dos sentimentos significativos dentro da dimensão da **Emoção** é sentir-se pressionado a ter sexo, como vemos este sentimento transversaliza quase todas as dimensões.

Reconhecendo que existe uma grande diversidade entre das pessoas assexuais, que se agrupam em um dispositivo web, anônimo e público (como ferramenta de visibilidade), observamos um mal-estar compartilhado: uma sociedade que não os reconhece em sua diferença, que às vezes os leva a ter que dissimular seus verdadeiros sentimentos ou

mentir sobre sua assexualidade para que os “deixem em paz”. Eles relatam sentimentos de tristeza, incompreensão, solidão e decepção. Encontramos um sentimento identitário: as comunidades virtuais percebem que a sociedade está hipersexualizada e denunciam o sexocentrismo como um sistema opressor.

Insiste assim a denúncia de um mal-estar que vai além das restrições necessárias impostas pela cultura, que poderia estar relacionado a algo da ordem do excesso, onde pensamos que eles poderiam sentir que são objetos de consumo em encontros sexuais, com corpos mercantilizados, passivizados, propensos a ficar trancados em seu narcisismo. Subjetividade do momento da qual falam vários autores (Bilbao, 2014; Melman, 2002; Chemama, 2008; Lebrun, 2003, Berardi, 2017) que propõem uma mudança no mandato super-egoico: não mais a renúncia pulsional, mas agora, o gozar, como um imperativo social.

Se a história social está na origem do aparelho psíquico, como a cultura atual é questionada pela rejeição, o nojo, aquilo que “entra até na sopa” da sexualidade a que os assexuais se referem?

Tomamos dos Três Ensaio (Freud, 1905) a linha que considera o sexual precisamente como aquilo que vem para subverter o adaptativo, aquele que entra como um “espinho irritante”, como Laplanche o chamou; ou que pode entrar como uma investitura ainda libidinosa “em estase” nas palavras de Freud, ambos, portanto, com pouca ou nenhuma relação com o instinto de reprodução, desmarcando-o da ordem conservativa, do corpo biológico, do sexual como uma pulsão, perverso polimórfico. Estes primeiros tempos, em que o autoconservativo é perturbado, estariam na origem da subjetividade, juntamente com propostas sociais, discursos instituintes que protegem, modelam e constroem ideais, valores e rituais.

Judith Butler (2002), levanta a importância da “ação performativa dos atos de fala” onde o poder do discurso para criar realidade e materialidade se torna evidente. Neste sentido, as postagens dos assexuais, suas expressões emocionais e sua necessidade de visibilidade, criam uma realidade compartilhada, geram identidade e pertencimento. Mas acima de tudo, a visibilidade e o direito ao que a sociedade não reconhece ou não valida. Os websites de grupos assexuais são espaços de resistência e contestação, de reconhecimento e “educação”, dizem eles. Através de suas postagens, eles definem, delimitam e se diferenciam dos outros, tornam-se visíveis em uma “outra” realidade onde a genitalidade é excluída ou lhes é indiferente nas relações interpessoais.

Assim, outro sentimento significativo que caracteriza os laços íntimos é a rejeição da genitalidade.

As comunidades virtuais assexuais falam sobre o valor de conectar-se afetivamente de forma intensa, profunda e honesta, “sem dissimulação”; valorizam ternura, calor humano, beijos, companheirismo com os outros, viver o amor sem o ato sexual.

Bleichmar (2014) apontou que a genitalidade tem uma função como paradigma do vínculo com o outro, **será que ainda seguirá sendo paradigmática hoje?** Podemos pensar que os assexuais defendem uma nova forma não-genital de ligação com o outro, o que não deixa necessariamente de fora o erotismo.

Carpintero (2015) aponta que o fantasma que é reativado no jogo erótico e que ativa uma agressividade lúdica própria da tensão erótica, leva em conta as necessidades sensuais e afetivas do outro, apontando que não há erotismo sem sexualidade (assim como não há amor sem erotismo), mas que pode haver sexualidade sem erotismo..... **Será esta a sexualidade que os assexuais questionam, na qual, em seu “exercício”, a consideração pelo outro não é levada em conta? É esta a sexualidade que eles evitam?**

CONCLUSÕES PRELIMINARES

Congruentes com nosso propósito de pesquisa, as conclusões visam não ser um fechamento, mas um convite para continuar a pesquisa para gerar novas questões e interesse pelas assexualidades, um tópico complexo e valioso que muitas vezes tende a ser simplificado como uma forma de depreciação e invisibilização.

Freud já nos estabeleceu uma ética e uma política, articulando o sofrimento do sintoma com o mal-estar da cultura.

Começamos nos perguntando o porquê da autodenominação de Assexuais: o prefixo A em grego é a negação da palavra que o segue, neste caso a sexualidade.

Na construção da função de julgamento, Freud afirma no texto “A Negação” (1925) que “a função de julgamento é separada do processo afetivo”, um conteúdo de representação ou de pensamento reprimido pode irromper na consciência na condição de que ele se permita ser negado. A negação é uma forma de levar em conta o que é reprimido e/ou rejeitado. Através do símbolo da negação, o pensamento se liberta das restrições da repressão e se enriquece com conteúdos indispensáveis ao seu funcionamento. Esta leitura a partir da letra freudiana nos permite resgatar o que é rejeitado na sexualidade. Aquilo sobre o que o coletivo assexual não quer saber nada. Por que? Existe algo que aparece como rejeitado, do ponto de vista social, no que diz respeito à sexualidade? A sexualidade é um terreno de disputas. Acordos implícitos e explícitos compõem seu conteúdo, o mesmo pode ser dito da assexualidade, aqui

o particular é que o que se questiona é o conjunto de representações imaginárias-sociais que este coletivo percebe como excessivo, chegando ao ponto de saturação, que “está até na sopa”, subalternizando o contato, a intimidade e o encontro com o outro, todos eles aspectos que nos humanizam, uma circunstância paradoxal que merece ainda mais reflexão.

Importância das Comunidades Virtuais

A construção de comunidades virtuais, neste caso, engloba interesses diversos. A necessidade de ensinar e divulgar, tornam possível a legitimidade e a visibilidade da própria identidade, tornando-se assim um movimento político e ético.

As comunidades que encontraram na rede um meio de expressão estão demarcando um território de pessoas que fazem parte de um corpo que não valoriza o sexo como a atividade final de uma relação. Estas conquistas que compõem as realidades virtuais atuam como uma forma de desvio e podemos pensar nelas como verdadeiras linhas de fuga no sentido proposto por Deleuze e Parnet, como um movimento de desterritorialização que permite a estes coletivos recuperar sua singularidade diante do que eles consideram ser a tirania da sociedade atual. Fugir neste caso não seria renunciar a ações, ao contrário, é um movimento ativo, é também “fazer fugir”, é traçar uma linha, uma cartografia inteira. “Os mundos só são descobertos através de uma longa fuga interrompida” (Deleuze e Parnet (1998). Fugir do intolerável onde fugir, é produzir algo real, experimentação - vida, criá-la, encontrar ferramentas, como os assexuais estão fazendo.

Assim, as diversidades das Comunidades Assexuais são o efeito de uma resistência a ser subsumida em uma única identidade, podemos pensar nisso como a busca de um lugar, de uma comunidade, que se destina a ser construída polimorficamente.

Alteridade / Identidade

... *“o problema consiste em saber o que as pessoas farão com suas diferenças, e não em suprimi-las”* (Octave Mannoni, A descolonização do eu). E assim chegamos ao nosso último ponto nestas Conclusões Preliminares. Insistiam em nós os temas enunciados por pessoas assexuais na dimensão “Versão dos Outros/Nós”, dimensão pensada nesta pesquisa para analisar a relação com o vínculo social.

Quem são os outros?

Em relação a quem compõe estes Outros, encontramos nas postagens uma ampla gama de gradações no espaço social, desde os mais gerais (sociedade, pessoas, muitos, etc.) até os contextos mais íntimos ou privados de uma pessoa (família, parceiros, amigos). Neste espaço social maior, o conteúdo de sancionar a experiência assexual é surpreendentemente semelhante.

Todos eles enunciam sua rejeição da assexualidade, sancionando-a como patológica, doença, esquisitice, etc., e o esforço para conduzi-los ao caminho da “verdadeira sexualidade”. O que resulta impressionante é que os modos de enunciação do grupo colaboram, como uma força centrípeta, para sustentar um poder maior e homogêneo, que contrasta uma forma ideal de viver a sexualidade, contra outra, a dos assexuais, que é rejeitada. Poderíamos conjecturar que as palavras usadas no espaço social terão um impacto para facilitar, bloquear ou mesmo fechar a possibilidade de processar uma identidade sexual que lhes permita um lugar de valor dentro da sociedade.

Considerando as palavras de Luis Miguelez (2001), a identidade é uma experiência inseparável do vínculo social, pensar sobre identidade é pensar sobre a relação com os outros, como a própria se articula com “o outro, com o estrangeiro”. O estrangeiro em si mesmo e o próprio no estrangeiro”.

Nesta pesquisa chegamos a uma conclusão diferente de outros pesquisadores, que afirmam que a condição assexual não produz sofrimento, sentimentos de tristeza ou qualquer grau de angústia. Pelo contrário, eles são muito fortemente afetados, de uma forma ou de outra, pelas diversas tensões produzidas tanto pela compreensão de sua própria condição assexual quanto pelas pressões sociais a que estão sujeitos.

Para pensar neste sofrimento, voltamos ao texto do Mal-estar na Cultura, onde Freud começa a falar em termos de fontes de sofrimento e não em termos psicopatológicos. A partir desta perspectiva, ele muda sua leitura, sua escuta e sua compreensão de como abordar os fenômenos humanos. Ele nos diz que o sofrimento humano é ameaçado por três lados, o corpo, as forças da natureza e os laços com outros seres humanos.

Daniel Waisbrot, no texto acima, encontra uma quarta fonte de sofrimento, quando Freud formula não só o sofrimento que vem dos vínculos com outros seres humanos (para ele o mais doloroso), mas também enuncia a insuficiência das regras que regulam os vínculos recíprocos entre os homens, a família, o Estado e a Sociedade. O desconforto ou sofrimento é gerado por uma ética que não regula as normas de laços recíprocos. Uma inadequação ética da qual Freud nos adverte, sob a forma de uma grave injustiça, quando a sociedade exige uma vida sexual uniforme para todos.

Referencias bibliográficas:

- Bleichmar, S. (2014) Las teorías sexuales en psicoanálisis. Qué permanece de ellas en la práctica actual. Buenos Aires: Editorial Paidós.
- Campos, M. B. (2016). Considerações sobre a sensorialidade na constituição do psiquismo. Percurso 56/57 – Revista de Psicanálise: Ano XXIX: Jun./Dez de 2016.
- Deleuze, G. Parnet, C. (1998) Diálogos. San Pablo: Editora Escuta, Trad. Eloisa Araújo Ribeiro.
- Laplanche, J. (1999/2016). Sublimação e/ou inspiração. Percurso 56/57 – Revista de Psicanálise: Ano XXIX: Jun./Dez de 2016.
- Freud, S. (1925) La Negación. Sigmund Freud Obras Completas, T. XIX. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1990.
- Freud, S. (1930 [1929]) El Malestar en la Cultura. Sigmund Freud Obras Completas, T. XXI. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1990.
- Mannoni, O. (1979) La Otra Escena. Claves de lo imaginario. Cap. La descolonización de mí mismo. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Miguel, L. V. (2003) Cap. X: Cada vez que se dice yo. A propósito de la identidad. Jugar la palabra. Presencias de la transferencia. Buenos Aires: Editorial Letra Viva.
- Oliveira, E. R. B. "Mi vida de Ameba": los scripts sexo-normativos y la construcción social de las asexualidades en internet y en la escuela. 2014. 225f. Tesis (Doctorado en Educación) – Facultad de Educación de la Universidad de San Pablo, San Pablo, 2014.
- Ulloa, F. (1995) Novela clínica psicoanalítica. Historial de una práctica. Buenos Aires: Paidós.
- Waisbrot, D. (2011) Más de un otro. Buenos Aires: Psicolibro Ediciones.